

Jordi Savall

The Teares of the Muses

 GULBENKIAN
MÚSICA

24 SETEMBRO 2018

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Hespèrion XXI

Jordi Savall Viola da Gamba Soprano

Lorenz Duftschmid Violas da Gamba Soprano e Baixo

Sergi Casademunt Viola da Gamba Tenor

Juan Manuel Quintana Viola da Gamba Baixo

Xavier Puertas Baixo de Consort

Michael Behringer Órgão e Cravo

Jordi Savall Direção

The Teares of the Muses

As Guerras dos Três Reinos

Do fim da Guerra da Irlanda (1603), ao conflito com a Aliança Nacional Escocesa (1630) e à Restauração da Monarquia em Inglaterra (1660)

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Robert Johnson*The Nobleman***John Dowland***Lachrimae Pavan*, a 5**Anthony Holborne***The Teares of the Muses*, a 5**William Brade***Mohrfelds*, a 5*Ein Schottisch Tanz*, a 5**Alfonso Ferrabosco II***The Four Note Pavan*, a 5**Orlando Gibbons***Royal Fantasy XII*, a 3*In Nomine*, a 4**Matthew Locke***Consort V*, em Sol menor, a 4*Fantazie**Courante**Ayre**Saraband***William Lawes***V. Consort Set*, em Dó maior, a 5*Fantazy**Pavan**Aire***William Lawes***I. Consort Set*, em Sol menor, a 5*Fantazya**On the Playnsong**Aire***John Jenkins***Pavan n.º 2*, em Sol menor, a 5*In Nomine No. 1*, a 6*The Newark Siege*, a 4**Matthew Locke***Consort II*, em Ré menor/maior, a 4*Fantazie*, em Ré menor*Courante*, em Ré maior*Ayre*, em Ré maior*Saraband*, em Ré maior**Henry Purcell***Fantasia upon one note*

INTERVALO

Com o apoio do Departamento de Cultura da Generalitat de Catalunya e do Institut Ramon Lull

The Teares of the Muses

As Guerras dos Três Reinos

Do fim da Guerra da Irlanda (1603), ao conflito com a Aliança Nacional Escocesa (1630) e à Restauração da Monarquia em Inglaterra (1660).

O século XVII foi um período extremamente conturbado da história do Reino Unido, uma época percorrida por inúmeros conflitos entre os reinos de Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, que se encontravam sob a autoridade de um mesmo monarca, mas nem sempre tiveram destinos comuns. Em causa estavam tensões políticas, identitárias e religiosas, acentuadas pelos diferentes credos que faziam parte deste jogo de poderes (anglicanismo, catolicismo, puritanismo e presbiterianismo). Este cenário sombrio e violento causou grandes limitações na vida musical (as salas de espetáculos foram encerradas em 1642 e os músicos das principais instituições ficaram sem trabalho), mas não impediu o desenvolvimento de uma arte musical sofisticada, que privilegiou as práticas mais intimistas dos repertórios de câmara, no âmbito dos quais as obras para *consort* de violas da gamba ocupam um lugar proeminente. Tratava-se de uma tradição que tinha atingido um primeiro auge no período isabelino, mas que manteve uma forte vitalidade nas gerações seguintes, conforme se poderá verificar através do programa do concerto de hoje, que tem como subtítulo “As Guerras dos Três Reinos”.

À semelhança de outras famílias de instrumentos, as violas da gamba eram construídas em diferentes tamanhos de modo a contemplar uma ampla extensão correspondente às tessituras de soprano, alto, tenor e baixo. Tanto em conjuntos de instrumentos da mesma família na tradição renascentista (“whole consort”) como em agrupamentos mistos (“broken consort”) ou, mais tarde, como instrumento solista, foram destinatárias de uma produção musical de extraordinária invenção. O “whole consort” era também um veículo privilegiado na

interpretação de repertório polifónico vocal, mas rapidamente passou a servir de suporte a um idioma instrumental próprio através das técnicas da variação e da glosa.

O primeiro verdadeiro *consort* de violas da gamba terá sido ouvido pela primeira vez em Inglaterra em 1530, quando um grupo de seis instrumentistas judeus italianos, vindos de Veneza, chegou à corte de Henrique VIII. Deu-se assim início à criação de um riquíssimo património musical, tipicamente britânico, que teve entre os seus cultores compositores tão talentosos como William Byrd, Alfonso Ferrabosco, Orlando Gibbons, Matthew Locke, William Lawes, John Jenkins e Henry Purcell. A maior parte das obras era concebida para texturas que oscilavam entre as três e as seis partes, repartidas pelas violas soprano, tenor (“mene”) e baixo. Entre a grande diversidade de géneros e técnicas de escrita distinguem-se as peças contrapontísticas, frequentemente com recurso à imitação, como é o caso das Fantasias e das obras baseadas num *cantus firmus*, assim como a tradição de composição conhecida como *In Nomine*. Por outro lado, as danças eram igualmente elementos dominantes (podendo surgir em pares contrastantes como a Pavana e a Galharda ou integradas em suites), assim como as variações sobre melodias conhecidas.

Um dos mais célebres exemplos de música para *consort* inspirada na dança, ainda que de forma estilizada, encontra-se na coleção *Lachrimae for seaven teares figured in seaven passionate pavans, with divers other pavans, galliards and allemands, set forth for the lute, viols, or violons, in five parts*, de **John Dowland** (1563-1626), publicada em Londres em 1604. Os sete exemplos de Pavana (dança lenta processional, em compasso binário) referidos no título constituem variações



ASSINATURA DA ALIANÇA NACIONAL, EM EDINBURGH, WILLIAM ALLAN (1782-1850) © CITY OF EDINBURGH COUNCIL.

sobre a *Lachrimae pavan*, que Dowland havia composto para alaúde nos finais do séc. XVI e convertido depois na famosa canção *Flow my tears*, publicada no *Second Book of Songs* (1600). A *Lachrimae Pavan*, com o seu característico motivo inicial em notas descendentes (a lágrima que cai), foi depois apropriada por outros compositores ao longo do tempo em múltiplos arranjos e variantes.

Com um caráter bem menos melancólico, a referência surge também na Galharda (dança rápida em compasso ternário) intitulada “The Teares of the Muses”, uma das páginas da colectânea *Galliards, Almains and other short Aires, both grave and light, in five parts, for Viols, Violins, or other Musically Winded Instruments* (1599), de **Anthony Holborne** (ca. 1545-1602), compositor e intérprete de alaúde, cítara e pandora da época isabelina. Também o violinista e gambista **William Brade** (1560-1630), que fez parte da sua carreira na Alemanha e na Dinamarca,

publicou vários volumes de danças que podem ser tocadas por diversas combinações instrumentais. O brilho e a energia rítmica que emergem de *Ein Schottisch Tanz* contrasta com a atmosfera contemplativa de *The Four Note Pavan*, de **Alfonso Ferrabosco II** (ca. 1575-1628), cuja música de tocante beleza se tornou também conhecida através da versão cantada a partir do poema “Hear me, O God!”, de Ben Jonson. Filho do músico italiano com o mesmo nome que se tornou célebre em Inglaterra, Alfonso Ferrabosco (“o Jovem”) foi um dos gambistas ao serviço da corte e Gentil Homem da Câmara, chegando a ser tutor musical do príncipe Henrique (filho de Jaime I). Ilustre autor de música de câmara e para teclado, assim como de obras vocais, **Orlando Gibbons** (1583-1625) foi cantor do coro no King’s College de Cambridge, organista na Abadia de Westminster e organista do futuro Carlos I de Inglaterra. A sua produção mostra-nos um outro

lado da música inglesa para *consort*, quer através da invenção melódica e contrapontística das suas Fantasia, quer da adesão à tradição inglesa das peças designadas *In Nomine*. Por volta de 1520, John Taverner tinha escrito a sua Missa *Gloria tibi trinitas* com base numa antífona em cantochão do Rito Sarum. A parte do *Benedictus*, correspondente às palavras, “In nomine Domini” agradou tanto que passou a circular de forma independente como uma peça sem texto com o título *In Nomine*. Tornou-se assim o ponto de partida para mais de 150 composições para *consort* e para instrumentos de tecla de autores diferentes. Nas décadas seguintes, a literatura para conjuntos de violas da gamba contou com outros compositores de vulto dos quais se destacam William Lawes, John Jenkins e **Matthew Locke** (ca. 1621-1677). Este último foi aluno de William Gibbons (irmão de Orlando Gibbons) e parceiro de Christopher Gibbons (filho de Orlando) na composição de uma “masque”, distinguindo-se no âmbito da música teatral para além do repertório instrumental. No início da guerra civil passou um período nos Países Baixos, mas regressou a Inglaterra em 1649, tendo trabalhado para o rei Carlos II, para quem compôs a música da coroação. Para além da qualidade estética da sua obra, destaca-se o papel que teve na organização da suite de danças. Estabeleceu também o plano da Fantasia-suite, contemplada por dois exemplos no programa de hoje, que constam de uma Fantasia de abertura à qual se seguem danças contrastantes como a *Courante* e a *Sarabandé*, intercaladas por uma *Ayre*. **William Lawes** (1602-1645) foi um dos músicos de Carlos I, tendo morrido aos 43 anos no cerco de Chester. Escreveu música sacra e profana e algumas “masques”, mas é sobretudo lembrado pela sua original produção para *consort* de violas da gamba, escrita para quatro, cinco e seis partes, como era habitual na época. Nenhuma das suas obras foi publicada em vida

e apenas uma pequena quantidade foi impressa postumamente sob a supervisão do irmão. As composições conhecidas datam da década de 1620 e fascinam pela sua escrita idiomática, por vezes extravagante nos coloridos harmónicos e na ornamentação, outras vezes apaixonada ou introspetiva.

Filho de um melómano, **John Jenkins** (1592-1678) começou por trabalhar para várias famílias nobres na província, obtendo já numa idade avançada o posto de alaudista na corte de Carlos II. Foi também um mestre na arte da composição para *consort* de violas, à qual incorporou algumas influências italianas. As suas Fantasia apresentam crescente complexidade e virtuosismo sem abdicar da componente emocional nem de revisitar modelos arcaicos como o *In Nomine*. Compôs também peças programáticas como *The Newark Siege*, na qual se evoca o confronto entre adversários, o luto e a celebração da vitória. As 13 Fantasia para *consort* de violas e os dois *In Nomine*, de **Henry Purcell** (1659-1695), constituem o último legado desta tradição, que o compositor leva às últimas consequências, recorrendo a técnicas contrapontísticas como a aumentação, a diminuição, a inversão ou o contraponto duplo e triplo, bem como a contrastes harmónicos inesperados e a expressivos cromatismos. A *Fantasia sobre uma nota*, a cinco vozes, distingue-se no conjunto pela particularidade de uma das partes se resumir a uma única nota pedal (Dó) sustentada durante toda a peça, enquanto as restantes vozes tecem uma sinuosa teia contrapontística. Há quem defenda que se tratava de um exercício de disciplina no âmbito da composição, imposto por Purcell a si próprio, mas poderia tratar-se também da parte destinada a um amigo que não soubesse tocar viola da gamba e que assim pudesse participar na execução.

CRISTINA FERNANDES

Jordi Savall



JORDI SAVALL © HERVÉ POUYFOURCAT

Jordi Savall é uma das personalidades musicais mais polivalentes da sua geração. Ao longo de mais de quarenta anos de carreira difundiu pelo mundo joias musicais há muito esquecidas. Dedicado à investigação da música antiga, interpretou-a com a sua viola da gamba e como diretor musical e maestro. As suas atividades como concertista, pedagogo, investigador e criador de novos projetos, tanto musicais como culturais, situam-no entre os principais artífices da revalorização da música histórica. Com Montserrat Figueras, fundou os grupos musicais Hespèrion XX/XXI (1974), La Capella Reial de Catalunya (1987) e Le Concert des Nations (1989), explorando e criando um universo de emoções e beleza que tem vindo a fascinar milhões de amantes da música. A sua contribuição essencial para o filme *Tous les Matins du Monde*, de Alain Corneau, recebeu um *César* para a melhor banda sonora. Com a sua preenchida agenda de concertos (cerca de 140 concertos por ano), as suas gravações (seis álbuns por ano) e a sua própria editora discográfica, Alia Vox, que fundou com Montserrat Figueras em 1998, Jordi Savall provou que a música antiga pode cativar públicos diversificados de todas as idades.

Jordi Savall gravou e editou mais de 230 discos dedicados aos repertórios da música medieval, renascentista, barroca e clássica, dando também especial atenção ao património musical hispânico e mediterrânico. Essa produção foi merecedora de numerosos galardões, entre eles, os prémios *Midem Classical*, *ICMA* e *Grammy*. Os seus programas de concerto tornaram a música num instrumento de meditação e de aproximação entre culturas e povos, tendo colocado no mesmo palco agrupamentos e músicos árabes, israelitas, turcos, gregos arménios, afegãos, mexicanos e norte-americanos.

Em 2008, Jordi Savall foi designado Embaixador da União Europeia para o Diálogo Intercultural. Tanto ele como Montserrat Figueras foram nomeados, em 2009, “Artistas para a Paz” no âmbito do programa Embaixadores de Boa Vontade da UNESCO. Jordi Savall recebeu ainda outras importantes distinções, entre elas: doutoramentos honorários pelas Universidades de Évora, Barcelona, Lovaina e Basileia, o título de *Chevalier de la Légion d’Honneur* (França), o *Praetorius Musikpreis Niedersachsen* (Baixa Saxónia, Alemanha) e o prestigioso prémio *Léonie Sonning*, considerado o prémio Nobel da música.

Hespèrion XXI



HESPÈRION XXI © DAVID IGNAZEWSKI

O valor mais importante da música antiga reside na sua capacidade universal de transmitir sensibilidades, emoções e ideias ancestrais que, ainda nos nossos dias, cativam o espectador. Com um repertório que se estende do século X ao século XVIII, o Hespèrion XXI procura, de forma permanente, novos pontos de encontro entre Oriente e Ocidente, dando expressão a uma vontade clara de integração e de recuperação do património musical internacional, nomeadamente da zona mediterrânica, mas também em diálogo com as músicas do Novo Mundo.

Em 1974, em Basileia, Jordi Savall e Montserrat Figueras, em conjunto com Lorenzo Alpert e Hopkinson Smith, fundaram o agrupamento Hespèrion XX com um objetivo comum: o estudo, a interpretação e a difusão do repertório anterior ao séc. XVIII, a partir de premissas novas, nomeadamente os critérios históricos e os instrumentos originais. Na Antiguidade, era dado às penínsulas Itálica e Ibérica o nome de *Hesperia*. Em grego antigo, *Hesperio*

designava uma pessoa originária de uma destas penínsulas. Era também o nome dado ao planeta Vénus quando, ao anoitecer, surge no céu a Ocidente. A partir do ano 2000, o agrupamento passou a designar-se Hespèrion XXI, sendo hoje uma referência incontornável para a compreensão da evolução da música praticada no espaço temporal que se estende da Idade Média até ao Barroco. O valor do seu trabalho de recuperação de obras, partituras e instrumentos é incalculável.

Adotando uma orientação artística inovadora, o Hespèrion XXI encara a música antiga também como um campo de experimentação musical, procurando atingir os mais elevados níveis de autenticidade, de beleza e de expressividade nas suas interpretações. O seu vasto repertório inclui peças sefarditas, romances castelhanos e peças do Século de Ouro espanhol e da Europa das Nações, entre outras. Gravou mais de 60 discos e apresenta-se em concerto em todo o mundo, incluindo os mais importantes festivais internacionais de música antiga.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

500 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Setembro 2018

